

APRESENTAÇÃO

Em 1848, a aparente harmonia social proclamada pelos ideólogos da Filosofia do Progresso foi interrompida de maneira devastadora por diversas insurreições. As revoluções que se iniciaram na França, logo se arrasaram por quase todo o continente europeu e também fora dele. Estes movimentos, bastante heterogêneos, reacenderam a chama revolucionária e derrubaram tradicionais monarquias. Na França, a queda de Luís Felipe, o rei burguês, abriu caminho para a construção da II República. Não obstante, em poucos meses ou anos, todas estas revoluções fracassaram e o caso francês se tornou um dos mais emblemáticos.

Marx permaneceu atento e acompanhou todo esse processo, produzindo análises sobre todo o desenrolar da luta de classes em todos os países onde a revolução se anunciava, em especial, na Alemanha e na França. Suas considerações sobre o processo de ascensão e queda da II República Francesa foram registradas, inicialmente, nas páginas da *Nova Gazeta Renana*¹, jornal em que era editor-chefe e, posteriormente, em *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*². Especialmente nesta última obra, Marx apresenta uma análise histórica minuciosa e extremamente rica que se mostra ainda hoje, relevante e necessária.

Por conseguinte, a presente coletânea de textos, organizada por iniciativa do Grupo de Pesquisa Marx e a Filosofia Clássica, reuniu capítulos de diversos autores que discutem *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. A presente obra conta com nove capítulos e está dividida em três partes. Na primeira, apresenta-se capítulos que abordam o conceito de Bonapartismo. O capítulo de Jadir Antunes, *Marx e o conceito de bonapartismo*, evidencia que a queda da II República Francesa significou o triunfo da contrarrevolução ou, em outras palavras, o fim das ilusões filosóficas da república bur-

¹ Em 1850, Marx escreveu quatro artigos sobre o desenrolar da luta política na França. Anos mais tarde, em 1895, esses artigos foram publicados em um livro com o título, *As lutas de classes na França*.

² *O 18 de brumário de Luís Bonaparte* foi escrito em 1852, a partir de vários artigos que haviam sido encomendados por Joseph Weydemeyer, para a apresentação de um seminário político em Nova York. Todavia, o seminário nunca se realizou, mas, surgiu então, na primavera daquele mesmo ano uma publicação mensal, *Die Revolution*, cujo primeiro número consistia na publicação integral dos artigos de Marx sobre o *Coup d'Etat* do sobrinho de Napoleão Bonaparte.

guesa. Nesse sentido, Antunes destaca que, para Marx, o golpe de Luís Bonaparte representava uma caricatura da história política antiga, na qual, a forma democrática e republicana caía e dava lugar a um regime baseado numa autoridade militar.

O segundo capítulo assinado por Adamo Dias Alves, *O 18 de brumário e as lições sobre a subversão constitucional*, traz uma reflexão sobre o bonapartismo enquanto fenômeno da subversão da Constituição moderna a partir das análises de Marx e de Domenico Losurdo. Alves apresenta o movimento constitucional francês e sua subversão a partir do golpe de Luís Bonaparte e, complementa a investigação de Marx com a análise do chamado bonapartismo *soft* de Losurdo, que destaca as particularidades do bonapartismo no século XX.

Na sequência, o capítulo de Carlos Prado, *As primeiras interpretações de O 18 de brumário no Brasil*, busca apresentar uma importante contribuição teórica da primeira geração de trotskistas brasileiros. Destaca que foram os militantes da Oposição de Esquerda, entre os quais Mario Pedrosa e Lívio Xavier, que introduziram no Brasil o conceito de bonapartismo e o utilizaram para compreender as complexas e dinâmicas relações de classes estabelecidas no Brasil, da Revolução de 1930 até o período do Estado Novo.

A segunda parte da coletânea reúne capítulos que investigam a relação entre Marx e a História a partir da obra *O 18 de brumário*. O texto de Júlia Lemos Vieira, *Marx e a dinâmica das classes sociais em O 18 de brumário*, busca combater a concepção de que Marx pensa as relações sociais e as classes de forma estanque e mecânica. Ao contrário, evidencia-se que a investigação de Marx sobre a história da II República Francesa demonstra a complexidade e a historicidade das classes e suas facções, de forma que tais relações não podem ser estabelecidas *a priori*, mas apenas a partir da análise de relações específicas.

O capítulo de Gustavo Machado, *O 18 de brumário sob as lentes de Engels*, também tem a proposta de combater versões reducionistas da relação entre Marx e a História. Nesse texto, Machado discute o Prefácio de Engels, onde Engels aponta a existência de *leis históricas* que indicariam a existência de uma teoria geral da história em Marx. Tal concepção é questionada e analisada a partir de *O 18 de brumário* e de outras obras de Marx, nas quais, destaca-se sempre uma perspicaz historicidade, o que contraria certas formulações gerais pré-estabelecidas.

Por fim, na terceira parte desta coletânea, encontram-se mais quatro capítulos que discutem o problema da Revolução. O primeiro texto é uma tradução do filósofo inglês Darren Webb. No capítulo *Aqui o conteúdo transcende a frase*, Webb demonstra que ao lançar críticas à incapacidade política do proletariado, Marx evidencia a imaturidade teórica da classe operária, destacando suas concepções utópicas que perpassavam pela ilusão de se planejar, *a priori*, as estruturas morais e culturais de uma sociedade futura.

O texto de Rafael Padial, *O lugar de O 18 de brumário no balanço da revolução de 1848*, apresenta uma análise sobre o desenvolvimento político de Marx. Partindo de obras imediatamente anteriores, em meio e posteriores ao referido processo revolucionário, Padial reflete sobre o problema da estratégia revolucionária, destacando que os avanços de Marx nessa avaliação são concluídos em *O 18 de brumário*. Dessa forma, evidencia-se que as reflexões de Marx sobre as lutas de 1848 tiveram grande impacto em suas concepções políticas, precisamente na forma como compreendia a luta revolucionária da classe operária.

Na sequência, o capítulo de Marcio Lauria Monteiro, *A noção de “Revolução Permanente” em Marx e sua presença em O 18 de brumário de Luís Bonaparte*, apresenta uma pertinente discussão sobre o conceito de *revolução em permanência* que, apesar de ter se tornado, muitas vezes, associado à Trotski, remonta às obras de Marx e Engels, especialmente suas análises sobre as revoluções de 1848. Monteiro destaca que as análises de Marx evidenciam que com o desenvolvimento do proletariado, a burguesia passava ao terreno da contrarrevolução e que, portanto, a revolução social deveria ser conduzida pelas forças proletárias de forma independente, cumprindo as tarefas burguesas e avançando às propriamente socialistas.

Fechando a presente coletânea, temos mais um texto apresentado por Jadir Antunes, *O papel da obra O 18 de brumário de Luís Bonaparte de Marx nos rumos da revolução russa de 1917*. Este capítulo discute o caráter do campesinato e a influência desta caracterização sobre a Revolução Russa. Antunes aponta que Marx, ao analisar o camponês francês, o considera como massa dependente e subordinada às classes sociais da cidade. Tal problemática acerca do caráter do campesinato esteve no centro do debate sobre a fórmula revolucionária e programática da Revolução Russa, especialmente nos textos de Lênin e Trotski.

Os organizadores